

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA DA REVISTA DE GUIMARÃES.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1906 | Número: 23

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Bibliografia da Revista de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 23 (3-4) Jul.-Dez. 1906, p. 17-28.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

BIBLIOGRAPHIA

DA

REVISTA DE GUIMARÃES

III-IV

JULHO E OUTUBRO DE 1906

EXPEDIENTE

A **Bibliographia da Revista de Guimarães** publica-se nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro.

A **Bibliographia da Revista de Guimarães** dará noticia e fará a apreciação de todas as obras que os seus auctores ou editores offerecerem á *Revista de Guimarães*, á Sociedade Martins Sarmiento, ou á Bibliotheca publica de Guimarães.

A **Bibliographia da Revista de Guimarães** é distribuída gratuitamente a todos os homens de letras do paiz, a todas as livrarias editoras, ás bibliothecas publicas, aos principaes jornaes e ainda a todas as pessoas que queiram recebê-la e a requisitem da Redacção da *Revista de Guimarães*.

BIBLIOGRAPHIA

ALFREDO PIMENTA — **O Fim da Monarchia**, Coimbra, 1906. — **A Mentira Monarchica**, Coimbra, 1906.

O systema monarchico apresenta como bases — a hereditariedade e a duração vitalicia do cargo real — e como garantia a unidade politica personificada tambem no chefe supremo. Em Portugal os debates parlamentares acrescentaram aos defeitos da fôrma republicana, defeitos de transição que sam invocados como outras tantas virtudes da fôrma adversa, os inconvenientes: da perda das colonias e das desordens internas, que acompanhariam a victoria democratica.

Ora como a hereditariedade não é o simples facto governativo que transmite a corôa e a fazenda nacional aos filhos dum monarcha, como lei scientifica relativa ás qualidades phisicas e morais que actuam na descendencia segundo uma evolução determinada pelo mesmo organismo e pelo meio a que elle se adapta, Alfredo Pimenta analisa as series dynasticas dos nossos reis, que formam, como evidenciára Oliveira Martins no estudo psycho-social da historia portuguesa, uma serie pathologica. Em seguida systematiza, em confronto das celebradas virtudes do regimen, a nossa vida judirica, que principiando numa illusoria carta vem mascarando de constitucionalismo as lutas dos partidos e o usufructo do poder, a nossa vida economica em fallencia e a nossa vida politica, terminando por afirmar « que a proclamação da republica é uma necessidade ».

É um optimismo positivo e consolador para uma raça e para uma nação que, como resultado dum exame identico, Ramalho Ortigão considerára completamente degenerada e perdida, em um dos melhores capitulos da sua obra (*As Farpas*).

Contra essa *necessidade* se preveniram os grupos monarchicos fechando num bloco a sua força, a sua actividade e a sua resistencia como, diz o autor, num regimen gasto se conjugam as suas decadentes energias numa defesa ultima. E enquanto faz a critica dos recentes sucessos parlamentares, nota o desenvolvimento da idéa republicana.

*

Aqui está um homem que vai affirmando e defenindo as suas esplendidas e productivas qualidades de sentimento e de intelligencia. É um espirito revolucionario, apaixonado, ardente no corpo dum bom rapaz — sincero, nervoso, ingenuo. Tem a athletica cerebral dum positivista no corpo dum sonhador. *Eu e Para minha filha* sam gritos sinceros em versos onde se misturam os tons do aço nas irisiações do beijo.

Os dois folhetos, embora o seu pequeno alcance, ferem pela consciencia, pela oportunidade e pelo desassombro.

*

Fallar dum amigo nem sempre é elogia-lo. Muitas vezes o intimo apenas regista o que se diz e, envolvendo-o no que sente, limita-se a participa-lo com um certo e justificado orgulho.

EDUARDO D'ALMEIDA.

F. TAVARES DE PROENÇA — *Antiguidades*, Coimbra, 1903. — *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra, 1905. — *O Dr. Capitain e a Notice sur deux monuments epigraphiques*, apresentada ao congresso prehistorico de França, Coimbra, 1906. — *Camillo Castello Branco e Gabriel de Mortillet*, Coimbra, 1905. — *O congresso prehistorico de França*, nota apresentada ao Instituto de Coimbra (separata do *Instituto*), Coimbra, 1906.

O snr. F. Tavares de Proença Junior (alumno da faculdade de direito, socio da Société prehistorique de France, da Société française de fouilles archéologiques, da Real Associa-

ção dos architectos civis e archeologos portuguezes e do Instituto de Coimbra) costuma viajar acompanhado das monographias que tem produzido desde 1903. Assim é que na visita que em junho d'este anno fez á *Sociedade Martins Sarmiento* teve a amabilidade de offerecer-lhe os cinco folhetos cujos titulos deixamos exarados.

I. *Antiquidades* — Este folheto, de 24 paginas, abre por uma citação de Martins Sarmiento, e é o relato da exploração archeologica a que o A. procedeu em setembro-outubro de 1903, nos arredores de Castello Branco.

Appareceram ahi as antigualhas habituaes : pedaços de tegula e imbrex, com marca do oleiro, alicerces e pavimento de construcções, mós manuaes, uma sepultura, fragmentos de olaria e além d'isso « dois monumentos em pedra com gravura muito differente do que até hoje tem sido encontrado em pedras do nosso paiz », como laconicamente escreve o sr. Tavares Proença.

II. *Notice, etc.* — A proposito dos dois monumentos referidos apresentou o A. ao *Congresso prehistorico de França*, uma comunicação, que depois reduziu a impresso, acompanhada de phototypias que reproduzem com muita nitidez as pedras gravadas.

A primeira, segundo a auctorisada opinião dos sabios congressistas, é uma rudimentar estatua, vista de costas. Adrien de Mortillet aponta-lhe o cinto, as pregas das roupagens inferiores, a ornamentação do vestuario e até a trança cahida sobre o dorso. Se nos é licito discordar de tão auctorisada opinião, duvidamos que ella corresponda á verdadeira interpretação do desenho.

Não assim com o segundo monumento, que representa, sem sombra de duvida, um caçador, acompanhado pelo cão, despedindo uma flecha contra um veado. Apenas onde os congressistas viram aves voando, me parece mais racional vêr uma inexperiente execução de arvores.

III. *O Dr. Capitain, etc.* — Na noticia que o dr. Capitain deu ácerca da comunicação do snr. Tavares Proença diz-se que a authenticidade das pedras foi posta em duvida pelo congresso.

Este folheto visa a dar ao archeologo francez um desmentido formal. Entre outras coisas o A. chama-lhe *alma pequena*

e ridicula. Sómente, como o faz em portuguez, não conseguirá que Capitain o perceba.

IV. *Camillo Castello Branco*, etc. — Ao mesmo congresso a que levára a noticia dos monolithos gravados, apresentou o snr. Proença uma communicação sobre as referencias que Camillo Castello Branco fez a Gabriel de Mortillet e Carlos Ribeiro. É obra de pouca monta que se limita a reproduzir trechos de um livro de Camillo intitulado « O General Carlos Ribeiro ».

V. *O congresso*, etc. — É separata da revista *Instituto* em que o snr. Tavares Proença, como representante do *Instituto de Coimbra* no congresso de Perigueux, informa aquella collectividade dos trabalhos do congresso. Pouco mais encerra que a circular da *Sociedade prehistorica de França* aos seus membros, o regulamento do congresso e o programma das suas tres sessões e das suas tres excursões.

A Sociedade Martins Sarmiento agradece ao auctor a sua offerta.

J. DE M.

JERONYMO D'ALMEIDA — *Threnos*, Guimarães, 1907.

O livro do joven poeta deixa uma suave e dôce impressão.

É tudo sã poesia, poesia triste, aqui e além angustiada por um grito de dôr ou de saulade, mas resignada, serena, sem os desalentos postiços, as imprecações rugidas e o cynismo affectado com que os modernos versificadores procuram, em geral, armar á celebridade escandalizando o publico.

A tristeza do poeta, é mais melancolia de indole, que tristeza motivada. Elle mesmo confessa

Que apezar de feliz é sempre triste.

Jeronymo d'Almeida vae na esteira dos parnasianos e dedicando o seu livro a Eugenio de Castro, não o faz ao nebuloso poeta do *Horas* e do *Oaristos*, mas ao cinzelador impecavel de tanta obra prima produzida depois d'estas primeiras aberrações de um talento que procurava o caminho a seguir.

O poeta é muito novo ainda. Os seus versos não possuem

aquelle burilado de fôrma, nem aquella harmonia de rythmo que são as roupagens magnificas com que se adorna hoje a poesia e que, tornando-a mais esplendidamente rutilante, lhe encobrem a graça original.

A essa emoção expontanea, molda-se em versos expontaneos, quasi improvisados, que conservam assim o ingenuo frescor primitivo, embora aqui e além a cadencia tropece e a fôrma não rebrilhe com o colorido, o esmalte que só o longo habito e o persistente estudo trazem aos melhores poetas.

Em litteratura alguns artistas, ou mais pacientes ou mais timidos, preparam-se na sombra longamente e quando surgem a publico é com a sua educação feita por um labôr intenso que durante annos passou despercebido. Outros artistas, mais communicativos, sedentos de publicidade (Jeronymo d'Almeida é d'estes), vêm fazer em plena luz o seu apprendizado, e o publico pôde seguir, atravez da successão das obras, a historia do seu talento, o desenvolver das suas faculdades e o aperfeiçoar dos seus processos.

D'estes dois modos de proceder tão profundamente antagonicos, o segundo é sem duvida aquella que concede á critica mais probabilidades de não errar na exacta apreciação dos meritos de um artista.

O homem que surge na arena litteraria absolutamente completo no seu modo de ser artistico é um enigma cuja chave a critica tem de procurar. O outro fornece, expontaneamente, na expansibilidade da sua alma, quanto a critica bem fundada pôde desejar para bem aquilatar-lhe a obra.

Os versos de Jeronymo d'Almeida pertencem evidentemente a esta phase documentativa. Não são, basta lê-los para o comprehender de relance, a expressão definitiva do talento do auctor. Sobra-lhes a emoção sincera, que revela um poeta de coração, mas falta-lhes, por vezes, como já disse, a correcção formal.

Como, porém, em poesia o que mais se aprecia é o sentimento que a inspira, o livro de Jeronymo d'Almeida merece ser lido muito com o coração.

Assim, a *Nostalgia*, escripta em Liverpool, quando o poeta por lá andou, longe da familia, da patria e dos amigos, traduz bem o estado de espirito do meridional, habituado ao sol doirado e ao calor benefico, que exilado nesse frigido norte se esquece a sonhar com os olhos fitos na chamma crepitante do fogão.

A *Loira* e a *Aspiração* são também composições notáveis.

A todas as poesias, porém, preferimos, por nos parecer melhor executada, em versos de mais suave harmonia e mais penetrados de sentimento, o *Noturno*, que, sendo dois annos mais moderno que algumas outras poesias, mostra bem quão fundamentadas são as esperanças de que o futuro livro de Jeronymo d'Almeida marque sobre este, já deveras notavel, um notavel progresso.

J. DE M.

FELIX ALVES PEREIRA — *Estudos do Alto-Minho*. — III *Machados de duplo anel* — IV *Ainda a inscripção christã de S. Pedro de Arcos* — V *Uma primicia de epigraphia funeraria romano*. Lisboa, 1904 — VI *O portico da matriz de Monção* — VII *Um crasto com muralhas*. Lisboa, 1904 — VIII *Um erro de amanuense nas Inquirições de D. Affonso III*. Lisboa, 1905.

O snr. Felix Alves Pereira, de quem já tivemos occasião de nos occupar nas paginas d'esta *Bibliographia*, a proposito das notas de uma exploração que empreendeu em Vianna do Alentejo, por incumbencia do *Muzeu Ethnologico Portuguez*, vem de ha annos publicando varias monographias subordinadas ao titulo geral de *Estudos do Alto Minho*.

Deixando de parte os dois primeiros numeros d'essa curiosa serie, daremos rapida noticia dos outros que até hoje temos recebido.

Machados de duplo anel — Pequeno estudo de um exemplar d'esta especie, encontrado em Fromariz (Paredes de Coura), juntamente com mais oito. O A. descreve o machado, e a proposito faz varias considerações sobre a distribuição geographica da especie, sobre a data do seu apparecimento e generalisação, sobre o modo de encabamento, regeitando a opinião de Castailhac e produzindo uma explicação original.

Incidentalmente refere-se o A. á collecção de machados do Muzeu Archeologico da *Sociedade Martins Sarmiento*, onde existem, além de muitos outros, trinta e tantos do typo que o occupava.

Ainda a inscripção christã de S. Pedro d'Arcos — Analyse de uma critica que o Reverendo Fidel Fita, no *Boletim de*

la *Real Academia de la Historia*, fez á noticia publicada pelo A. no *Archeologo*, ácerca de uma inscripção apparecida nos Arcos de Valdevez. A controversia recae especialmente sobre a epocha que pôde assignalar-se ao uso da expressão *Famulus Christi* e ao emprego do nome *Ordonius*, sobre o desenho dos caracteres, e ainda sobre o valor de certas siglas.

Uma primicia de epigraphia funeraria romana — Noticia do apparecimento de uma lapide em Grade (Arcos de Valdevez), sua leitura, interpretação e data conjectural. O A. lê:

ANDII
RCACA
TVRON
IFAXVI
HICSIT

que traduz: *Anderca, filha de Caturono, de 16 annos de idade, aqui sepultada*, attribuindo-lhe idade não anterior ao primeiro seculo da nossa era. O valor principal da inscripção, quanto a nós, está nos nomes proprios, o primeiro dos quaes era desconhecido dos epigraphistas.

O portico da matriz de Monção — Trabalho inspirado no simples exame de uma gravura representando a porta principal da igreja de Santa Maria dos Anjos, de Monção. São poucas paginas onde se allude á abundancia de monumentos despresados, em todo o norte do paiz, e onde se expõe a louvavel ideia da organização de uma carta architectonica de Portugal.

O A. descreve miudamente o portico e data-o dos fins do seculo XII ou começo do seculo XIII.

Um castro com muralhas — É este o «Craсто das Necessidades» em Cabreiro (Arcos de Valdevez), que foi explorado pelo A. em 1903.

A muralha circumda o castro numa extensão de quatrocentos e quarenta metros, com uma espessura que oscilla entre dois a tres metros, e é formada de enormes calhaus. Dentro, nenhuns vestigios de habitações prehistoricas. Duas ruinas de casas, exploradas, deram ao A. a certeza de serem relativamente modernas.

Cuida o A. que o aproveitamento do castro na defeza

fronteiraça, por occasião de uma das muitas guerras com os nossos vizinhos, pôde explicar o desaparecimento de todos os vestigios de qualquer construcção archeologica.

Um erro de amanuense nas Inquirições de D. Affonso III
 — Demonstra o A. abundantemente que á data das *Inquirições* não existia no julgado de Valdevez freguezia alguma com o nome de *O Salvador d'Arcos*, mas sim outra com o titulo de *S. Pedro d'Arcos*; que por erro de amanuense se escreveu nas *Inquirições* «*Salvador*» onde devia pôr-se «*Pedro*»; que tendo-se creado no seculo XVI a freguezia do *Salvador*, abrangendo a villa dos Arcos, pessoas menos reflectidas identificaram o «*Salvador*» das *Inquirições* com este «*Salvador*», sem se lembrarem que elle n'essa data não existia, nem que as referencias das *Inquirições* á freguezia do Salvador só podem caber a S. Pedro, como o A. perfeitamente explica.

Receba o auctor, que é um nosso presado assignante, sinceros agradecimentos pelos exemplares offercidos.

J. DE M.

ALVARO LAMAS — Desde la carcel. — Santiago, 1905.

É um pequeno volume em que o advogado chileno Alvaro Lamas reúne as descripções d'alguns casos judiciaes de que teve conhecimento no exercicio da sua profissão.

Pretende o A. mostrar que a justiça dos tribunaes e as formas legais com que ella tem sido até hoje distribuida, não podem ser acceitas como boas e verdadeiras. Desde ha muito que a justiça não é comprehendida como vingança que o offendido ou os seus tiram do offensor. A sancção das leis é considerada mais um meio preventivo do que um acto de efficaç repressão. E nem mesmo assim ella dá o resultado que se desejava, como os factos todos os dias o demonstram, como o numero estatistico das reincidencias o prova.

Não é a lei que emenda o criminoso, não é o tribunal que, punindo-o, põe o delinquente em condições de não reincidir.

Sob este ponto de vista é syntomatico o caso de Diego Jimenez Lopes (apontado pelo A.), que, tendo-se alcançado na repartição de que era empregado, foi salvo das garras da jus-

tiça e da reincidência no crime pelos bons conselhos e muita dedicação de seu pae.

« *¿ Han de pesar eternamente los gravámenes, leyes y prisiones sobre los ignorantes, tímidos y pobres hombres que parecen condenados á la servidumbre?* » pergunta o auctor quasi ao fim do seu trabalho. E conclue: « *Las leyes y los códigos son como las mujeres fatuas: mandan sobre todos los actos que conocen, aprovechandose del amor de los hombres á la justicia.* »

G. DE M.

BRUNO — *Os modernos publicistas portuguezes.*
Porto, Lello & Irmão, 1906.

José Pereira de Sampaio é um dos mais estudiosos publicistas nacionaes. A sua collaboração nos jornaes tem-se distinguido pela sinceridade, não meramente espectacular, de quem investiga, apura, analysa e critica. Dotado d'uma feição característica, logo saliente aos primeiros traços, escreveu um estylo cahotico, por vezes incomprehensivel, em largas voltas de periodos, em que julgamos andar o verbo zangado com o substantivo e onde os adjectivos se descompõem como vizinhas irritadas, mas cheio de individualidade, de valor erudito, profundo no conceito e berrante na sua fôrma revolucionaria, dos nossos tempos. A sua logica ficou amplamente demonstrada no livro — *A idea de Deus* —, talvez o mais primoroso trabalho do auctor; é uma obra herculea, que só um bello talento seria capaz de emprehender para se deleitar, ás vezes, no frio positivismo dos seus commentarios, fazendo experiencias do jogo metaphysico, d'esse mesmo jogo que tam acremente rebate.

Os modernos publicistas, introdução ao *Portugal e a guerra das nações* e o *Problema nacional*, versa um thema bastante mais vasto do que deixaria suppôr o titulo.

O criterio do auctor e o seu fim é a analyse do desenvolvimento da idea liberal na litteratura portugueza.

Por isso aprecia quais os effeitos da sciencia democratica, principalmente economica, e d'alguns factos salientes na historia da França Republicana, bem como o incremento do iberismo, que é o sonho d'uns e a verrina d'outros.

Os seus vastos conhecimentos ajudam-no a fazer o con-

fronto dos nossos com os publicistas hespanhoes e com as obras francezas que mais influiram em Portugal ou em Hespanha, não esquecendo a critica dos nossos politicos durante um largo espaço de tempo. É muito notavel o estudo ácerca do socialismo e dos romanticos effeitos da doutrina dos seus primeiros apostolos.

Como os outros, este livro de Pereira de Sampaio enriquece a litteratura portuguesa e ensina muito a quem o lê — no que está o seu melhor elogio.

Servido por uma energia de ferro, a sua capacidade de trabalho exteriorisa-se em obras uteis e... raras.

E. A.

Recebemos e agradecemos:

Fernão Botto Machado — *Liberdade de imprensa* (minuta de recurso ao supremo tribunal de justiça) — Lisboa, sem data. 1 folh.

*

Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1904. Volume xxvi — Rio de Janeiro, 1905. 1 grosso vol. de 526 pag.

*

Associação Commercial do Porto — *Relatorio da Direcção* no anno de 1904 — Porto, 1905. 1 grosso vol.

*

Arthur Miranda Lemos — *Noções elementares de Anatomia, Physiologia humana, Hygiene e primeiros soccorros a prestar nos accidentes mais vulgares.* — Lisboa, 1905 (Ferreira & Oliveira L.^{da}, editores).

*

O Oriente Portuguez — Revista da comissão archeologica da India Portugueza (vol. II, n.ºs 11 e 12, vol. III n.ºs 1 e 2) — Nova Góia, 1905 e 1906. 2 folh.

*

Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto — (vol. I, n.ºs 1 e 2.) Coimbra, 1905 e 1906. 2 folh.

*

Bibliotheca popular de legislação — Código do processo commercial — Lisboa, 1906. 1 fol.

*

Regulamento do Estabelecimento Thermal das Caldas das Taipas — Guimarães, 1906. 1 fol.

*

Relatorio e contas do Club da Foz no anno de 1905 — Porto, 1906. 1 fol.

*

Centro Commercial do Porto — *Relatorio dos actos da decima oitava direcção* — Porto, 1906. 1 fol.

*

Companhia dos Banhos de Vizella — *Relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal. Gerencia de 1905* — Guimarães, 1906. 1 fol.

•

Revista pedagogica — Ponta Delgada, 1906.

•

Recebemos mais, durante o segundo semestre de 1906, por offerta do digno consocio dr. Pedro Guimarães, 112 folhetos e 4 volumes, e do snr. Duarte Ferreira da Silva Areias 44 volumes, o que tudo muito agradecemos.